



No nosso dia a dia de trabalho, ouvimos muitas vezes nomes, termos e designações que acabam por se tornar familiares sem que saibamos muito bem o que significam e representam. Uma dessas "coisas" é a

REDE MAREGRÁFICA DO INSTITUTO HIDROGRÁFICO

Mas o que é de facto, e para que serve, esta rede? Basicamente, a Rede Maregráfica do Instituto Hidrográfico é um conjunto de marégrafos que se encontram a funcionar em abrigos fixos, distribuídos ao longo das costa de Portugal, no Continente e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira, e que proporcionam os dados necessários aos estudos e trabalhos sobre marés desenvolvidos no Instituto Hidrográfico. Os estudos sobre marés podem dividir-se em três níveis (embora esta classificação seja arbitrária e de contornos indefinidos).

No primeiro nível, suficiente para caracterizar globalmente a maré e para garantir a segurança da navegação, basta medir alturas de água com um marégrafo

de campanha durante 15 dias a 1 mês. Esta informação é suficiente para obtermos de forma aproximada os instantes de ocorrência da preia-mar e da baixa-mar, bem como a diferença entre a amplitude da maré nas marés vivas e nas marés mortas.

No segundo nível, o objectivo é produzir previsões já mais rigorosas da maré, do tipo das que são publicadas na nossa Tabela de Marés. Para atingir este segundo "patamar" é desejável dispôr de 1 a 2 anos de observações, obtidas com marégrafos do tipo dos que compõem a Rede Maregráfica do Instituto Hidrográfico. Estes equipamentos têm uma precisão maior que a dos marégrafos de campanha e podem operar normalmente durante muitos anos (com a manutenção apropriada).



“Promover a divulgação das capacidades e do conhecimento ...”

Esta frase simples encerra toda a essência de uma função que compete à Direcção de Documentação do Instituto Hidrográfico - Marinha, e que se tem tornado cada vez mais importante à medida que se reconhece o seu carácter de essencialidade numa época em que o público é bombardeado com informação.

É simples dizer que o que não se conhece é como se não existisse. Às vezes é mesmo confortável pensar que podemos existir no nosso nicho e esquecer que o resto do mundo está lá fora. Nós estamos certos e "eles" virão a perceber que tínhamos razão.

Esta atitude foi possível quando o nosso trabalho não podia passar despercebido e estava patente na vivência diária do nosso “público”. Hoje não é assim, e temos que lutar, num mundo em que os recursos vão escasseando, pela fatia de que necessitamos para continuar o trabalho que, e aí sim, sabemos ser não só importante como até essencial.

A divulgação e promoção da actividade de âmbito nacional que o IH leva a cabo, e que compreende uma carga técnica e científica em domínios únicos no País, é cada vez mais necessária, é mesmo obrigatória, no testemunho a dar de uma instituição na qual a Marinha espelha algumas das suas especialidades.

É neste contexto que a Direcção de Documentação, no cumprimento da sua missão, preconizada no DL nº264/95, vem realizando acções de divulgação cada vez mais importantes e com maior investimento dos recursos que possui. Aqui se enquadram os boletins informativos, as exposições, os contactos com a imprensa e a comunicação social em geral, o acompanhamento de reuniões, a manutenção de prospectos, escrita de artigos para publicação no exterior, etc. etc.

É um trabalho que não termina e que necessita de ser continuamente renovado, tanto na sua forma como no seu conteúdo.

A sociedade em que vivemos é sempre mais rápida sempre mais temporária. A quantidade de focos de atenção que constantemente fazem apelo às pessoas faz com que cada vez mais seja verdade a frase “se não apareceu na televisão, não aconteceu”. É neste clima que temos que firmar a nossa posição. Temos que não só ser honestos mas também parecê-lo. Sempre.

O esforço de divulgação não é de uma pessoa ou de uma Direcção. É um esforço colectivo em que temos que estar atentos a todas as oportunidades de nos apresentar com dignidade e demonstrar continuamente o nosso valor e do trabalho que realizamos. Tem de ser uma atitude constante de todos quantos somos a instituição que é o Instituto Hidrográfico e a Marinha.

Maria Helena Martins Tavares Roque
TSP



Hidromar

Boletim Informativo do Instituto Hidrográfico
Marinha - Ministério da Defesa
Rua das Trinas 49 - 1200 LISBOA
Tel: 3955119 - Fax 3960515

Título: HIDROMAR - Boletim Informativo do Instituto Hidrográfico

Número: Nº4, 2ª Série - JUNHO de 1996

Periodicidade: Publicação mensal

Impressão: Serviço de Artes Gráficas do Instituto Hidrográfico

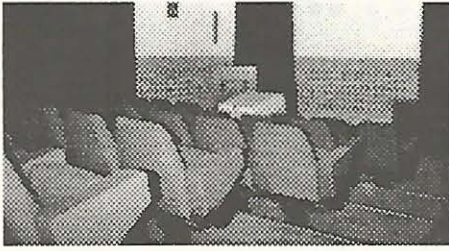
Tiragem: 700 exemplares. Distribuição gratuita

Direcção: Direcção dos Serviços de Documentação

Colaboraram neste número: Carlos Dias, Carlos Gomes, Carlos Oliveira Lemos (CTen), José Aguiar, Mena Mocho, Marcelino Gomes (SAJ), Paulo Guerreiro (1ª Sar ETI),

ISSN 0873-3856

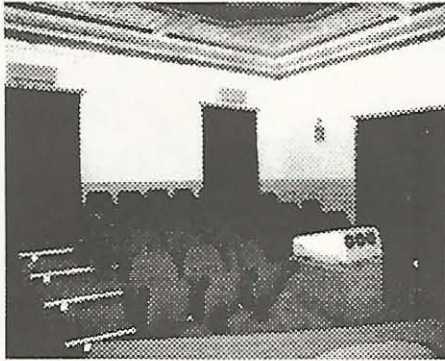
SALA DE REUNIÕES É AUDITÓRIO



Um enorme esforço, tanto das pessoas como económico transformaram a Sala de Reuniões num Auditório que há muito era desejado

no IH. O antigo *Alto Coro* mantém toda a sua imponência e esplendor mas tem agora uma comodidade e operacionalidade invejável para receber as actividades para que está vocacionado: receber visitas, palestras, apresentações audiovisuais, etc.

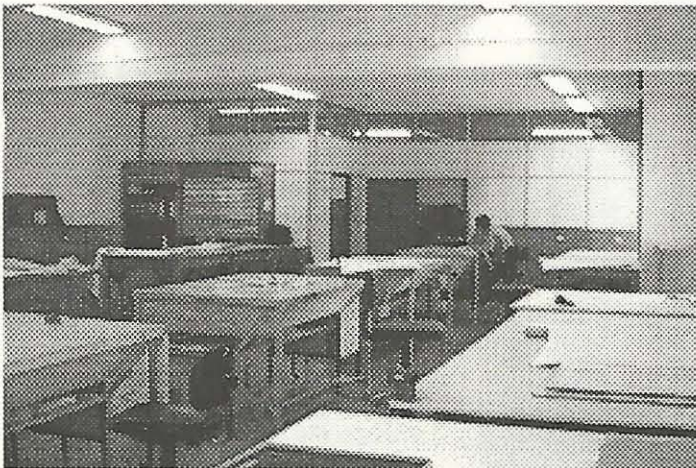
Os nossos parabéns a toda a equipa que realizou a obra de que todos nos podemos orgulhar. Estamos melhor e o património histórico-artístico de que somos depositários está enobrecido.



SALA DE DESENHO AUMENTADA

Há tempos dissemos que a sala de desenho estava em obras. Temos o prazer de dizer que todas as obras estão já concluídas e a sala voltou à sua operação normal.

Deste exercício há a salientar que este compartimento ficou bastante mais amplo, melhor iluminada, com melhor passagens entre salas, etc, etc, Mais uma vez apesar dos problemas que causam as obras pois que o trabalho não pode parar valeu seguramente a pena o incómodo. AS melhores condições de trabalho fazem com que ele seja mais agradável e portanto menor o esforço para atingirmos a qualidade que conhecemos.



PROTOCOLO ENTRE IH E SHOM

O Vice-Almirante Sarmento Gouveia e o Ingénieur Général de l'Armement François Milard assinaram um protocolo que vai permitir uma mais estreita colaboração entre o Instituto Hidrográfico por um lado e o Service Hydrographique et Oceanographique de la Marine (SHOM) através do seu Centro de Oceanografia Militar.

É no âmbito deste protocolo que se realiza o primeiro de um conjunto de campanhas do projecto INTIMATE (INternal Tide Investigation by Means of Acoustic Tomography Experiment). Este projecto tem como objetivo o estudo da utilização das técnicas de tomografia acústica aplicados ao estudo dos oceanos em águas pouco profundas.

As campanhas do projecto irão utilizar meios dos dois países - Portugal e França. Além do IH e do SHOM-CMO faz parte do projecto a Universidade do Algarve.



O VAlm Sarmento Gouveia e IGA François Milard quando este recebia a oferta da cresta do Director Geral do Instituto Hidrográfico

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES DIVULGA A MARINHA

Sempre que as unidades navais executam missões para as quais tenham de navegar para além das águas de cobertura cartográfica nacional, é o **Instituto Hidrográfico** a entidade que disponibiliza as necessárias cartas e publicações do **Almirantado Inglês**. Este material é fornecido precisamente através do **Serviço de Publicações**, razão pela qual é normalmente identificado como uma «*porta aberta*» através da qual aquele organismo da Marinha cumpre a sua missão de «*divulgação de matérias relacionadas com as ciências e técnicas do mar*».

Com efeito, é no domínio do fornecimento como organismo abastecedor que a actividade do **Serviço de Publicações** mais se faz notar junto da Marinha e do público em geral. O seu **Depósito de Documentos Náuticos** abre todos os dias úteis, das 09h30 às 12h30 e das 13h30 às 16h30, na rua Garcia da Orta, nº 4, junto a Santos-o-Velho. Ali, qualquer pessoa interessada pode adquirir uma carta náutica devidamente actualizada, sedimentológica, de apoio à pesca ou de recreio ou outras publicações náuticas em vigor.

Refira-se que, tendo em vista o cumprimento das missões atribuídas ao **Instituto Hidrográfico**, o **Serviço de Publicações** fornece as cartas náuticas das águas nacionais, do Território de Macau e ainda dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Este serviço tem ainda à



venda edições da **Comissão Cultural de Marinha** que registam uma assinalável procura.

Entretanto, e para facilitar o processo de aquisição dos seus produtos, a **Serviço de Publicações** criou recentemente junto das capitánias e de diversas entidades civis uma rede de revendedores dos artigos produzidos pela **Marinha**, tais como cartas e publicações náuticas e livros da **Comissão Cultural de Marinha**. Esta iniciativa visa simultaneamente aumentar a difusão das actividades do

Instituto Hidrográfico e da própria **Marinha** junto do público.

Neste momento qualquer pessoa interessada pode dirigir-se às capitánias e aos outros revendedores da especialidade em vários pontos do País e encomendar ou comprar directamente qualquer publicação ou artigo produzido pelo **Instituto Hidrográfico**.

Através desta sua «*porta aberta*» ou seja, o **Serviço de Publicações**, o **Instituto Hidrográfico** recebe ainda os mais variados instrumentos náuticos para efeitos de reparação e aferição, competindo àquele sector a sua recepção e devido encaminhamento, controlo e posterior devolução.

O **Serviço de Publicações** do **Instituto Hidrográfico** é parte integrante da **Direcção dos Serviços de Documentação** e tem como principal missão zelar pelo cumprimento da aplicação das normas em vigor tendo em vista a normalização das publicações produzidas por este organismo da **Marinha**.

O **Instituto Hidrográfico** cumpre através do **Serviço de Publicações** a sua missão de divulgar de forma correcta a sua actividade e prestar a informação indispensável aos navegantes.



Carlos Gomes

REDE MAREGRÁFICA ...

O terceiro nível inclui os estudos científicos, como por exemplo a caracterização da subida do nível médio do mar em todo o Globo, os quais estão relacionados com outras áreas do conhecimento (por exemplo, a geodesia). A obtenção de dados que possam ser utilizados com esta finalidade implica dispor de longas séries de observações de grande qualidade, cobrindo várias décadas, e idealmente séculos...

Para efectuar estudos de marés aos "níveis" 2 e 3, é essencial dispor de uma rede maregráfica. À medida que subimos de "nível", aumenta a precisão dos marégrafos e o custo e cuidado com que devem ser feitas as operações de manutenção. Os avanços da tecnologia permitiram a evolução dos marégrafos, desde o instrumento puramente mecânico no qual o movimento de um flutuador é transmitido a um aparato que se desloca sobre um rolo de papel actuado por um mecanismo de relojoaria, até ao sofisticado marégrafo ultra-sónico que permite uma precisão quase milimétrica, armazena os dados em formato digital e permite a transmissão via satélite desses mesmos dados.

A Rede Maregráfica é constituída, presentemente, por um conjunto de marégrafos operando em Viana do Castelo, Leixões, Aveiro, Setúbal-Tróia, Ponta Delgada, Santa Cruz das Flores, Angra do Heroísmo, Horta e Funchal. Dentre estes destaca-se o marégrafo de nova tecnologia de Ponta Delgada, englobado no programa mundial GLOSS. Existem também dois marégrafos importantíssimos operados pelo Instituto Português de Cartografia e Cadastro: Cascais e Lagos. Um dos aspectos mais importantes nas operações de manutenção dos marégrafos é a verificação, por nivelamento, de possíveis abatimentos no local de implantação do marégrafo. Só assim é possível assegurar a coerência de longas séries de dados.

A título de curiosidade, refere-se um estudo científico recente sobre a caracterização da subida do nível médio do mar, o qual foi iniciado a partir de mais de 200 séries de observações maregráficas. Após uma rigorosa filtragem, aplicando critérios de qualidade diversificados, só oito séries maregráficas "passaram o crivo". Uma delas é a de Cascais (a segunda mais antiga do mundo, a seguir à do marégrafo de Brest). Será que a projectada Marina de Cascais vai afectar o funcionamento do marégrafo e anular o valor científico da série existente? Trata-se de um precioso legado



de alguns dos nossos antepassados, com extraordinária visão de futuro, que nos compete preservar.

A manutenção da Rede Maregráfica é uma tarefa de responsabilidade que não se compadece com pessoas interessadas avulsas, mas que tem que contar com uma equipa que assegure a qualidade dos dados de uma forma continuada e qualificada, para que o nosso trabalho de hoje possa servir para a nossa geração e para as gerações vindouras. Essa equipa existe no nosso Instituto, encontra-se em constante formação e aperfeiçoamento e actua em todo o País, mantendo e verificando o funcionamento dos instrumentos, e proporcionando instrução aos encarregados dos marégrafos. Não é perfeita, mas é empenhada, determinada e bem intencionada.

Périplo pelas ilhas

As necessidades de manutenção da rede maregráfica exigem uma vigilância e actividade constante. Para que a operação dos marégrafos seja de confiança é necessário que se tenha a certeza, tanta quanto possível, de que os resultados que eles registam sejam fiáveis. Foi no seguimento desta tarefa sem fim que a equipa da OF que é responsável pelos marégrafos se deslocou aos Arquipélagos dos Açores e da Madeira e fez a manutenção das estações. Verificaram-se aparelhos,

condições em que se encontravam e procedeu-se à beneficiação sempre que era necessário.

Desta vez verificaram também o posicionamento das marcas de nivelamento locais para verificar se tinha ocorrido alguma alteração. Num caso detectaram um desvio de 4 milímetros: quando é preciso precisão..

A equipa interveio nos marégrafos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Santa Cruz das Flores, Horta e Funchal. Numa próxima vez até vão tentar ver as Ilhas pois desta não foi possível.,,,

TRABALHAR COM REDE - II

Os browsers

Um browser é um programa específico para visualizar páginas de hipertexto ou hypermedia, requerendo para estas últimas um computador com capacidades multimídia. Qualquer browser pode funcionar como uma aplicação isolada ou como cliente de um servidor de HTML. Quando a funcionar isoladamente ele apenas abre ficheiros, para os quais tenha permissão de leitura como qualquer outro programa, enquanto que como cliente se estabelece uma ligação cliente-servidor, com um protocolo próprio o HTTP - HyperText Transfer Protocol.

Para se estabelecer uma tal ligação é necessário que algures na rede se encontre um computador correndo o programa servidor. Recentemente foi disponibilizado na nossa Intranet1 pelo SI, no computador \\Cipcserver do grupo Informática, um desses servidores.

Também aí se podem encontrar alguns browsers como o Internet Explorer, parte integrante do pacote Microsoft Plus! e que se encontra disponível para instalação na directoria "Plus95" ou o Netscape Navigator 2.0 em "Software\NetScape Navigator 2.0". Pessoalmente acho este último bastante superior e é aquele que eu aconselho, mas uma vez que ambos são para Windows 95, encontra-se também disponível, para quem ainda se encontre a trabalhar em Windows 3.11, uma versão para esse ambiente do Mosaic Netscape em "Software\Shareware".

Todos os browsers operam sobre URLs - Uniform Resource Locators, que mais não são que indicações para aceder à informação (links). Esses links são compostos por

prefix [host[.domain]] [:port] /path/filename

onde prefix indica o modo de aceder à informação, por exemplo:

file:// [se se tratar de um ficheiro local]

http://[se se tratar de uma página gerida por um servidor]

sendo o host o nome do computador onde se encontra o servidor, domain o seu domínio e port o porto a utilizar quando não for o usual. De notar que todas as barras são para a frente, tipo UNIX e não para trás como estamos habituados do DOS, havendo contudo alguns browsers que aceitam igualmente barras para a frente e para trás.

Sem querer tirar o brilhantismo a quem se encontra a trabalhar nela, gostaria de vos dar em primeira mão a notícia de que se encontra em desenvolvimento a home page do Instituto e que já pode ser visitada usando o URL "http://cipcserver".

Ainda em \\Cipcserver e por amabilidade do chefe do SI e seu adjunto foi disponibilizado um directório, "html", onde irei colocando exemplos de páginas de hipertexto com a finalidade de servirem de suporte a este artigo.

As Páginas WWW

Na criação das páginas WWW alguns cuidados devem ser tidos em conta como por exemplo:

Deve-se planear o trabalho a priori.

A página de entrada deve ser curta e simples, ninguém gosta de esperar para ler o que nem sabe se lhe interessa (as páginas levam tanto mais tempo a

carregar quanto maiores forem).

Não se deve exagerar nas imagens, se tiver muitas ou muito grandes levará muito tempo a carregar e de novo desmotivará as pessoas.

À"À Se tiver um documento muito grande para apresentar, é de toda a conveniência fazer um índice para se poder saltar para a secção que se julgue de interesse.

Os comandos HTML

E agora vamos ao que realmente interessa. Os comandos (ou etiquetas, como também são conhecidos) reconhecem-se por estarem entre os símbolos '<' e '>'.
Podemos considerar dois tipos de comandos, aqueles cujo efeito termina logo após serem interpretados, e os que iniciam uma acção a partir da sua posição. No caso destes últimos é possível terminar a sua acção voltando a escrever o mesmo comando precedido de '/' ou incluindo um comando da mesma natureza mas com nova parametrização.

Exemplo:

<h1> isto é um heading de tamanho 1 </h1>

<h2> isto é um heading de tamanho 2

<h3> isto é um heading de tamanho 3

Como é óbvio, quando o documento chega ao fim, todos os comandos terminam o seu efeito.

Todos os documentos HTML começam pela etiqueta <html> e acabam pelo seu finalizador </html>. Uma página está dividida em duas zonas principais, o cabeçalho, que fica entre as etiquetas <header> e </header> e o corpo, delimitado por <body> e </body>. É dentro deste último que essencialmente reside o conteúdo dessa página, conforme veremos.

O cabeçalho é uma zona onde se pode definir, entre outras coisas, o título da página. Nada do que fique entre <header> e </header> aparecerá na página, esta área destina-se exclusivamente a declarações. Um exemplo de uma declaração passível de aí ser colocada é o título, delimitado por <title> e </title> e cuja finalidade é a de fazer aparecer na barra de título, como o próprio nome indica, o nome correspondente.

Um dos comandos mais empregues é o comando cabeçalho, iniciado com <h#> e terminado com </h#>, onde # pode tomar valores entre 1 e 6 o que determina, por ordem inversa, o tamanho da fonte utilizada.

Para este artigo foram elaboradas as páginas exemplo "exp001.htm" e "exp002.htm", que podem ser encontradas em \\Cipcserver\html. Estas podem ser vistas com qualquer browser e editadas com qualquer editor de texto. Normalmente os browsers possuem um comando que permite visualizar o código fonte da página, não havendo pois necessidade de recorrer a um editor de texto.

Paulo Guerreiro (1º Sar ETI)

1 À rede internacional de computadores deu-se o nome de Internet e por complementaridade a qualquer rede interna de uma firma chama-se genericamente Intranet.

MÉDICO E LOUCO ...

Especial atenção merece a dosagem na medicação. Toda a gente deve saber que **um remédio eficaz e bem tolerado se pode transformar em veneno mortal** - basta aquele miligrama a mais...

Numerosas intoxicações por sobredose são tratadas anualmente nos hospitais.

A sobredose pode advir de se tomarem dois medicamentos diferentes que contêm a mesma substância. Suponha que, depois de um serão bem "regado", toma um remédio universalmente conhecido contra a "ressaca", o Alka-Seltzer; mas como também tem dores de cabeça, toma duas aspirinas... ora o Alka-Seltzer contém como princípio activo principal o ácido acetilsalicílico, tal como a aspirina! É por este caminho que se atinge a dose excessiva.

A mistura de medicamentos deve evitar-se, de qualquer forma. Os efeitos de interacção de um medicamento com outro ou com bebidas alcoólicas podem dar lugar a reacções inesperadas que vão da máxima gravidade à anulação do efeito pretendido. Dizem os farmacologistas que "com um medicamento sabe-se onde se chega, com dois mais ou menos, com três nunca se sabe..."

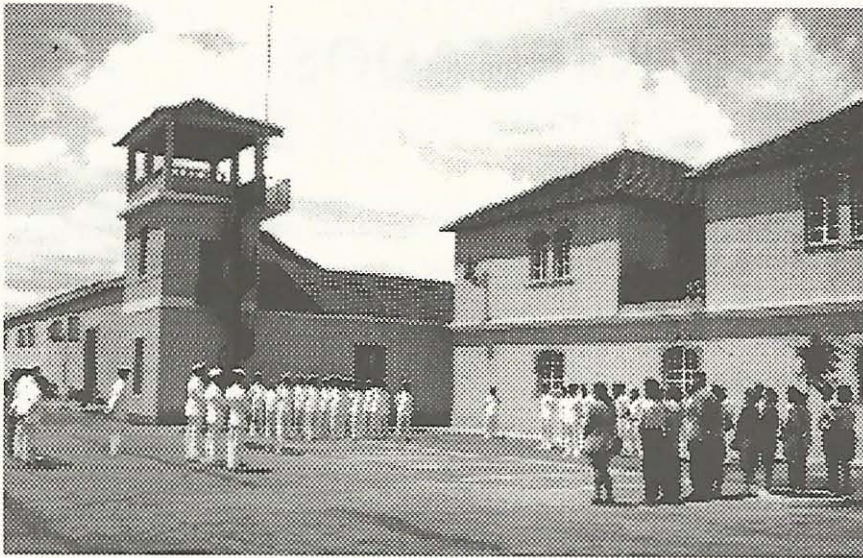
Ler cuidadosamente a composição do medicamento, respeitar escrupulosamente a posologia (isto é, a quantidade, o modo e a via de administração) indicada na literatura e na embalagem do medicamento, são medidas indispensáveis na prevenção de erros de dosagem. Outra medida essencial é não misturar fármacos entre si ou fármacos com álcool.

Muitas pessoas não hesitam em automedicar-se com restos de antibióticos que ficaram lá em casa de uma anterior situação de doença, ignorando que **o uso incorrecto de um antibiótico leva à criação de resistências bacterianas**. Ora se os microrganismos se tornam resistentes a um antibiótico, este perde eficiência. Por outro lado, o antibiótico pode disfarçar sintomas, dificultando o diagnóstico.

O desconhecimento de como actua determinado medicamento pode proporcionar a atitude contrária. É o que acontece quando, por receio do medicamento, as pessoas **reduzem a dosagem de modo próprio, ou deixam de o tomar interrompendo o tratamento**. As consequências nem sempre são isentas de danos.

Este receio do medicamento leva a que muita gente opte pelos chamados produtos naturais, sobretudo nas sociedades urbanas, como reacção ao artificialismo prevalecente

Marcelino Gomes (SAJ)



A chefia dos serviços do Instituto sofreu nos últimos tempos algumas alterações. De todas temos consciência através das Ordens. Não nos pareceu necessário dizer-vos quem eram mas sim um pouco mais da carreira das pessoas que foram agora nomeadas.

O Capitão Tenente Nuno Murray Bustorff Silva veio para a Marinha em 1977. Chegou ao Instituto em 1984 onde veio para a Escola de Hidrografia e Oceanografia. Depois de concluído o curso esteve na BH1. Depois foi colocado no, então, CIC, onde ficou mais ligada à utilização dos meios informáticos. Este tempo no CIC terminou quando assumiu o Comando do NRP Auriga e depois do NRP Andrómeda. Durante o comando destes dois navios, que se dedicam quase exclusivamente ao trabalho do IH, manteve o contacto com todos os serviços do Instituto e voltou ao Edifício do Convento das Trinas onde esteve envolvida com a renovação do Sector de Publicações Náuticas da Divisão de Navegação, o que o

ocupou nos últimos anos.

O Capitão Tenente Pedro Manuel Martins Pires Marinho veio para a Marinha em 1974 e passou algum tempo nos patrulhas. Veio para o IH em 1977 onde frequentou o curso na EHO. Desde que chegou esteve ligado ou aos Levantamentos ou à Informática. Esteve na



A Dr^a Dolores Santos e o STen Arenga no momento da sua tomada de posse.



Cá da casa

Brigada, foi para o CIC, foi para a chefia a BH2 e voltou para a Informática agora como chefe do Serviço de Informática.

O SubTenente José Joaquim Barros Arenga, que como sabem substitui o Ten Agostinho na chefia das nossas oficinas de mecânica, passou toda a sua vida ligado esta arte. A Marinha viu o seu ingresso em 1963. Embarcou em várias patrulhas, no NRP S. Gabriel e no NRP Vasco da Gama. Esteve oito anos no Grupo 1 EA e outros oito na Direcção Serviços de Manutenção. Veio até nós directamente da Escola Naval onde terminou o Curso de Formação de Oficial Técnico.

Também foi empossada a Dr^a Maria Dolores Ribeiro dos Santos como chefe do Centro de Documentação e Informação que já dissemos vem até nós do Direcção Geral do Desenvolvimento Regional do Ministério do Planeamento.

HUMOR DA MENA

Numa cerimónia realizada no Gabinete do Chefe do Estado Maior da Armada, dia 17 de Maio, foram entregues os prémios da Revista da Armada para 1995. Um dos galardoados foi o CTEN Miguel de Oliveira e Lemos. O Comd. Lemos recebeu o Prémio "Comandante Joaquim Costa" com que a Revista da Armada distingue o autor do melhor trabalho, no caso "Processos Costeiros e Gestão do Litoral".

O Comd Lemos é o responsável pelo núcleo do IH que estuda as marés e está integrado na Divisão de Oceanografia Física. No âmbito do seu trabalho esteve à pouco em Nova Orleans - EUA para, com a Dr. Leonor Martins, apresentar o seu trabalho em modelação matemática dos efeitos das ondas quando atingem a costa.



INSTITUTO RECONSTITUI «RODA DOS ENJEITADOS»

Era habitual existir na portaria dos conventos uma roda em madeira constituída por um cilindro giratório aberto de um dos lados que, com o decorrer dos anos, veio a ser conhecida como «roda dos enjeitados».

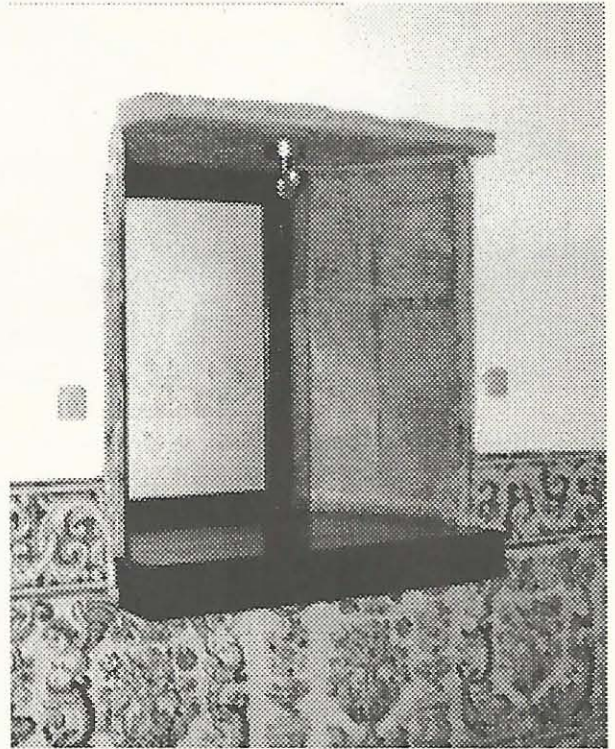
O Convento das Trinas onde actualmente funciona o **Instituto Hidrográfico** não constituiu excepção à regra.

Não sendo possível recuperar o original, o **Instituto Hidrográfico** resolveu mandar construir uma réplica para colocar no local da anterior, a qual será produzida a partir de uma «roda» semelhante existente no Convento dos Cardaes, em Lisboa.

As «rodas» foram concebidas inicialmente para passar objectos para o interior do convento de modo a que, quem se encontrava dentro não tivesse necessidade de estabelecer um contacto directo com quem se encontrava do lado de fora. Com o tempo, passaram a ser utilizadas para expôr crianças que, enjeitadas, eram desse modo entregues às ordens religiosas que delas cuidavam.

Sempre que alguém expunha uma criança na «roda», a irmã «rodeira» era avisada por um toque de campainha. A criança era assim recolhida sem que a pessoa que a entregava fosse vista.

Pelo seu uso e para evitar que as crianças fossem comercializadas ou simplesmente abandonadas na via pública, este processo acabou por ser oficializado nos finais do século dezoito ao tempo de D. Maria I. Entre outros notáveis escritores, Eça de Queirós faz-nos uma curiosa alusão a este costume no seu romance «O Crime do Padre Amaro».



A reconstituição de uma «roda dos enjeitados» na portaria do **Instituto Hidrográfico** ajuda-nos a compreender melhor o património histórico que representa o antigo Convento das Trinas.

Carlos Gomes

Album de Recordações ...

INAUGURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE OCEANOGRAFIA

A gravura regista o acto de inauguração do Laboratório do Serviço de Oceanografia, em 23 de Maio de 1967, pelo Ministro da Marinha, Alm. Quintanilha. Entre os presentes distinguimos o então Director-Geral do Instituto Hidrográfico, Almirante Ramalho Rosa, o Cte. Ataíde e o Cte. João Luís Oliveira chefe do Gabinete de Estudos.

